

A FORTALEZA PERDIDA DE FLAVIUS JOSEFUS (*).

MARIZA BALSAMO STEINBERG

Instrutora da Cadeira de História Antiga e Medieval da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universi-
dade de São Paulo.

Quando Josefus tomou o cargo de comandante da Galiléa, na primeira guerra romana, um de seus primeiros atos foi fortificar um número de cidades e lugarejos em posições estratégicas, para bloquear as possíveis rotas de ataques inimigos. A lista dos lugares assim fortificados foi dada duas vezes, nos seus escritos: uma vez no Livro Segundo da *Guerra Judáica* (II, §§ 573-4) e novamente, numa forma muito abreviada, na *Vida* (§§ 187-188). A lista precendente contém 17 nomes, a última apenas 15, faltando *Τάμυλα* e *Σέπφ*. Os nomes estão, no total, melhor preservados na lista longa tendo a da *Vida*, pequenas corruptelas.

As duas listas formam uma importante adição ao nosso conhecimento da topografia histórica da Galiléia, no período do Segundo Templo. Todos os nomes, exceto um, foram identificados, com concordância geral da maioria dos eruditos. Antes de propor uma identificação da fortaleza perdida, devem ser ditas umas poucas palavras, concernentes aos outros nomes, suas identificações e posições.

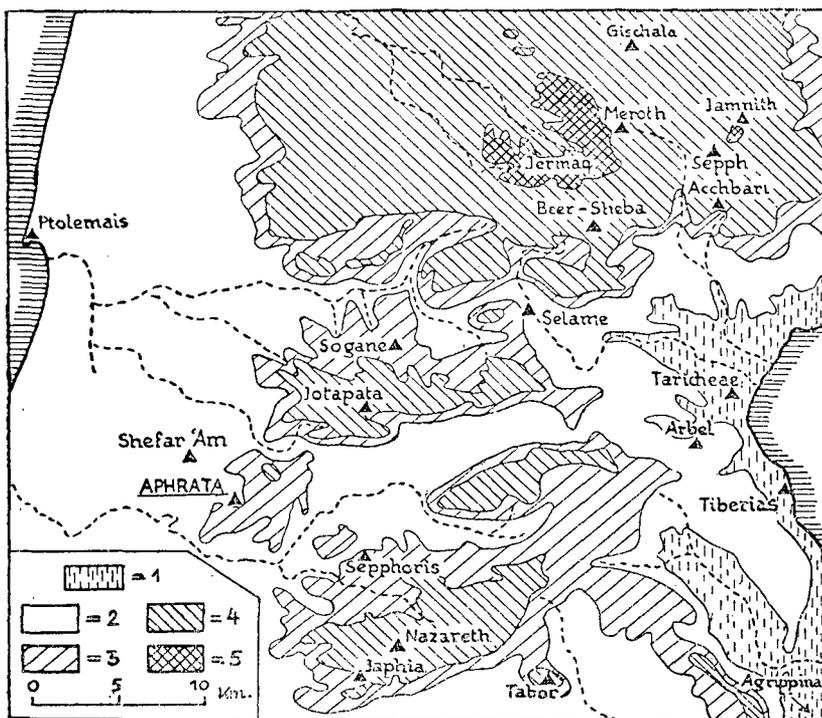
Três das fortalezas eram em Gaulan (Selêucia, Sogane, e Gama-la) e podem ser despresadas, pelos propósitos deste inquérito. Um estudo dos nomes remanescentes na Galiléia propriamente dita, mostra que Josefus colocou suas fortalezas com a intenção definida de criar uma espécie de linha fortificada ao longo das fronteiras da Galiléia. Está claro que cada fortaleza tinha uma tarefa específica, determinada pelo esboço geral do terreno e a direção das linhas de comunicação convergindo para a Galiléia, porque, obviamente, a futura invasão seguiria essas linhas. Assim nós encontramos um grupo de quatro fortalezas — a rocha de Acchbari (Akbara), Sepph (Safed), Iamnith (Khirbet Banit?) e Meroth (Mêrôn), que protegiam as rotas entre Jermaq, as montanhas Qadesh, o vale Amud e Monte Canaan

(*) — (Extraído do "Israel Exploration Journal", vol. 3, nº 2, 1953; tendo sido publicado em hebraico numa forma em EI, 1, 1951) Tradução de Mariza Balsamo Steinberg.

em adição a uma quinta fortaleza, Gischala (el-Jish), a qual era mantida por João de Gischala, grande rival de Josefus. Um segundo grupo de fortalezas protegia as costas do mar da Galiléia (Tiberíades, Magdala-Taricheae e Arbel).

A longa linha que protegia a Galiléia do oeste, sudoeste e sul é de especial interesse, primeiramente porque essa linha aparentemente contém o nome não identificado pelo qual estamos procurando, e secundariamente porque este era, a frente mais longa e mais exposta. Realmente seria mais provável que a invasão viesse tanto do oeste, a direção dos quartéis gerais de Vespasiano em Ptolemais-Accho, ou do sul, via o grande centro helenístico de Beth Shan-

96



Scythopolis, que tinham sido hostis aos judeus desde o início da guerra (1). Como está evidente da história subsequente, ambas as suposições estratégicas de Josefus provaram ser corretas; o primeiro ataque

(1). — B. J. II, 466 ff.

veio do oeste, e foi seguido de um segundo golpe do sul, pela via de Scythopolis (2).

A linha começava no SE com a fortaleza de Agrippina (3) (Kaukabel-Hawa?), a qual Josefus não menciona, mas que deve ter sido o início da linha no oeste, porque, de outra forma, a seção do fronte entre Monte Tabor e a Jordânia estaria perigosamente aberta. Os pontos seguintes eram (de este a oeste) Monte Tabor, (Ἰταβύριον ὄρος) e Iaphia (Ἰαφα), seguido por Sepphoris, o qual era fortificado por seus próprios habitantes. A linha do oeste continuava com Iotapata (Ἰωτάπατα, Khirbet Shifat), a mais forte fortaleza da Galiléia, seguida ao norte por Beer-Sheba (βηρσαβέ, Khirbet Abu Shiba), e Selame (Σελάμη, Khirbet Sellamiya). Como vemos, a ordem geográfica não tem sido muito bem mantida aqui; nós podemos, para tal, adicionar o nome de Sogane (Sakhnin) que aparece de forma corrompida em uma das versões (4). Nesse grupo Beer-Sheba protegia a passagem sul de Jermaq; Selame, o vale do mesmo nome (Yôredet Sellamîn. (5) — agora o Wadi Rubadiye), Sakhnin e Iotapata, as passagens do vale Hilazôn à planície de Bêt-Netôfa, o coração da baixa Galiléia.

Uma olhada ao mapa (fig. 1) mostrará que êsse sistema de fortalezas protegia a Galiléia em tôdas as direções, exceto uma, havendo uma brecha evidente entre Iotapata e Sepphoris. O mais curioso é que uma das principais estradas da Galiléia passava nessa direção, viz., a rota de Ptolemais a Sepphoris, a qual foi posteriormente substituída pela estrada romana (6) e, no presente, pela estrada Shefar'am-Nazareth. Assim, parece muito improvável que Josefus tivesse deixado essa importante linha sem proteção — especialmente uma que ia diretamente em direção aos quartéis-generais de seus inimigos e ponto de concentração, viz. Ptolemais-Accho, parece óbvio, *a priori*, que tenhamos que procurar nessa região, o nome perdido.

Agora nós encontramos na lista das fortalezas, mais um nome que foi transmitido numa forma muito corrompida. Ele aparece entre Iaphia e Selame, mas, como já vimos, a ordem geográfica dessa lista não é muito válida. Êsse nome aparece nas seguintes formas nas várias versões (de acôrdo com Niese):

(2). — BJ III, 155 ff, 446 ff.

(3). — Misna Rôs ha-Sana ii, 4; Dalman, PJB, 1923, p. 43 f.

(4). — Ele aparece em BJ, como εἰγώφ na *Vida* como εωναναί. A identificação comum é com "Uyun esh-Sha'ab", perto do Monte Tabor, mas a identificação com Sogane-Sakhnin (*Vida* 265) parece preferível; tal fortaleza preencheria muito bem a brecha entre Iotapata (também conhecida como Jotapata) e Selame enquanto uma em "Uyun esh-Sha'ab, perto do Monte Tabor, parece supérflua.

(5). — Misna Kelaim iv, 9.

(6). — QDAP, 12, 1946, p. 96.

Bellum judaicum II, 573: Texto: *καφαρεκῶ* versões MS: *καίφαρεκῶ*, PAL; *καίπερεκῶ* MRC, *καίπαρεκλω* V; *καμφαρεκῶ* margem m.l L; Capherecho Lat.

Vita 188: *καφαραθᾶ* R; *καφαράθ' κωμοζ* A; *καθαραθᾶ* L; *καίφαραθκωμοζ*.

Muitos eruditos parecem preferir a versão *καφαρεκῶ* porque ela pode ser facilmente identificada com Kefar 'Akkô de Tôseftá (7).

Hildesheimmer identificou o local como 'Amqa (8), enquanto Saarisalo propôs, com melhores bases, identificá-lo como Tell-el-Fukhkhari, perto de Acre (9). Se nós aceitarmos essa identificação, a fortaleza de Josefus não pode ser identificada com Kefar 'Akkô. Josefus dificilmente estaria disposto a fortificar um local nos subúrbios de Accho-Ptolemais, o quartel general do inimigo! Oehler (10) e Abel (11), não sugerem nenhuma identificação por êsse "Capharecho".

Parece que a melhor versão foi preservada em *Vida* (Vita). Se nós seguirmos o grupo de Mass e MV e dividirmos *καφαραθκωμοζ* em *καίφαραθκωμοζ*, nós teríamos um lugarejo chamado *φαραθ* (ou *Αφραθα* de acôrdo com RL); a haplografia *καφαρ*[*Αφαρ*]αθ é também possível.

Nomes como *Αφαραθα* eram muito comuns no tempo do Segundo Templo, e apareciam em várias formas tais como Ephraeae, Pharaath, Pharathon, Ophra, Ephraim, ou Ephron. O grego *Αφαραθα* corresponderia ao *'frt* semita. Se começarmos a olhar um plausível correspondente árabe para um nome composto desta raiz, nós chegaríamos imediatamente ao curioso fenômeno conhecido como Tayybetismo. Para os árabes a raiz *'frt* é ligada ao significado "mal espírito" ou "demônio" e êles mudaram sistematicamente tais nomes para "Tayyibet-el-Ism" ("de bom nome") ou et-Tayyibe, para encurtar.

Se nós olharmos agora no mapa da Topografia de Israel (1:100.000 *sheet* 2), nós encontraremos em 196243 uma Khirbet-et-Tayyibe no caminho de Shefar'am a Nazareth ou Sepphoris. Parece que a identificação dêste local com a fortaleza perdida de Josefus, devido a estarem ambas em locais estratégicos e devido à semelhança do nome, é mais plausível.

(7). — Tôseftá Kelâim 1, 12 (ed. Zuckerman, p. 74. 1. 14).

(8). — Beiträge, pp 19-20; cf. também P. Romanoff: "Onomasticon of Palestine". N. York, 1937.

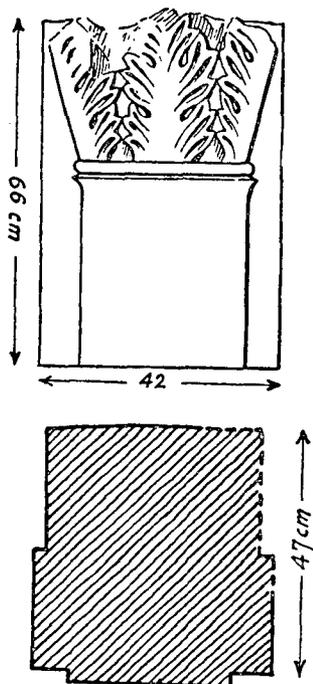
(9). — JPOS, 9, 1929, p. 28.

(10). — ZDPV, 1905, p. 63.

(11). — Géographie de la Palestine, II. Paris, 1938, pp. 289-290. Abel aponta justamente que o lugar deve ser encontrado entre Iaphia e Iotapata e adiciona: "difficilement 'Akrus'".

(12). — Dr. N. Avigad preparou o desenho.

Passemos às considerações arqueológicas: o local era certamente aquêle de um lugarejo judeu da éra Talmúdica, testemunham os restos de uma sinagoga, já observado aí pelo levantamento topográfico de 1873:



“êste foi um lugar de alguma importância. Tem um poço de boa água, e, uma fonte, ao sul, ... Acima do poço fica barragem coberta de alvenaria caída e alicerces. ... O poço é uma base de coluna de dois cantos semelhante às encontradas em sinagogas da Galiléia: ... Há outros pontos semelhantes nas ruínas; e uma sinagoga provâvelmente aí ...” (13).

Numa visita ao local em julho de 1952, encontramos alicerces e pedras ainda próximos ao poço, como foi descrito em *Survey*, além de uma pequena elevação paralela em outra sinagoga da Galiléia

(13). — *Survey of Western Palestine, Mem. I, London, 1881, p. 321.* — Pelo que eu sel eruditos posteriores não tomaram conhecimento do local.

(Fig. 2). Muitas pedras (empregadas em construção) foram encontradas no local, e uma barragem, eram observadas as fundações de um longo muro, os restos de um edifício de alguma importância. Devido à curta exposição, só um exame superficial da cerâmica pode ser feito. Embora a êsse respeito a evidência não seja completa, a posição estratégica do local é mais expressiva. Situa-se numa montanha isolada ao sul da *estrada* (caminho), dominando um vasto panorama a oeste, de cujo lado o inimigo viria. Parece a mais adequada posição para a localização da fortaleza perdida de Josefus.